

ARTIGOS

O PAPEL DA METONÍMIA NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: UM ESTUDO DOS VERBOS DENOMINAIS EM PORTUGUÊS

Margarida BASILIO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

RESUMO

Neste trabalho, dentro da discussão sobre a natureza do conhecimento lexical, focalizo a formação de verbos denominais. Inicialmente, conceituo o léxico e analiso a interação entre metonímia conceitual e padrões de expansão lexical. Em seguida, descrevo a estrutura de verbos denominais, explicitando como padrões metonímicos e padrões morfológicos interagem nestas construções lexicais.

ABSTRACT

In this work I approach denominal verb formation in the light of the discussion about the nature of lexical knowledge. Initially, I analyze the interaction of conceptual metonymy with lexical expansion patterns. Then I describe the structure of denominal verbs, showing the interaction between morphological and metonymic patterns in these constructions.

PALAVRAS-CHAVE

metonímia conceitual, léxico, morfologia, verbos denominais.

KEY WORDS

conceptual metonymy, lexicon, morphology, denominal verbs.

O presente trabalho se insere na discussão sobre a possibilidade e conveniência ou não de se estabelecer uma distinção entre conhecimento lingüístico e conhecimento enciclopédico no léxico (PEETERS, 2000) e na discussão sobre a natureza do conhecimento lexical. Há duas posições

polarizadas em relação a essas questões. Por um lado, os cognitivistas afirmam que a semântica lexical é indubitavelmente enciclopédica (LANGACKER, 1987) e que o conhecimento lingüístico reflete os padrões de conceptualização da mente (EVANS; GREEN, 2006). Por outro, adeptos da Morfologia Distribuída estabelecem uma distinção radical entre o vocabulário, que seria parte da língua, e a enciclopédia, que se colocaria na interface de estruturas conceptuais (HARLEY; NOYER, 2000).

Neste trabalho¹, pretendo descrever a conexão entre padrões metonímicos, conhecimento enciclopédico e conhecimento lingüístico na formação de palavras. Assim, ao contrário do que preconizam os cognitivistas, pressuponho uma distinção entre conhecimento lingüístico e conhecimento enciclopédico no léxico, embora me situe em convergência com o cognitivismo no que tange à interação entre padrões conceptuais da mente e padrões morfológicos.

Com a finalidade de abordar esta tríplice interação e seu caráter fundamental para a eficiência do léxico como um sistema dinâmico de armazenagem de formas simbólicas, focalizarei a formação de verbos denominais na língua portuguesa, mostrando que verbos morfológicamente denominais são interpretados a partir da interação do conhecimento do mundo com o conhecimento lingüístico, em conexão com padrões metonímicos.

Inicialmente, defino o papel do léxico nas línguas e introduzo o conceito de metonímia conceitual em sua interação com padrões morfológicos de expansão lexical. Em seguida, descrevo padrões morfológicos de formação de verbos denominais e mostro sua conexão com padrões metonímicos. A análise a ser apresentada foi feita a partir de dados do Português Brasileiro, mas as afirmações essenciais se estendem a outras línguas, conforme se poderá inferir de alguns exemplos de verbos denominais do inglês apresentados no texto.

O léxico pode ser definido como um conjunto de forma simbólicas, isto é, formas associadas a significados ou formas que evocam significados.

Itens lexicais são usados na construção de enunciados, sendo, portanto, tão flexíveis a associações simbólicas e usos quanto cores podem ser sensíveis a outras cores, luz, posição do observador, e assim por diante. O léxico deve ser expansível, de modo a se adaptar a nossas necessidades de comunicação. Padrões de formação de palavras otimizam a expansão lexical e são essenciais para a eficiência do léxico como um sistema de armazenagem de símbolos em uma língua, dada a necessidade de representação conceitual com acesso imediato na interação linguística.

A metonímia é central aos padrões morfológicos que otimizam a eficiência lexical. Dentro de uma visão conceptual da metonímia, no processo metonímico “uma entidade conceptual, o veículo, provê acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado” (RADDEN; KOVECSES, 1999: 21). Nessa perspectiva, portanto, a metonímia é um mecanismo cognitivo de associação de conceitos.

A metonímia ocorre quando uma expressão que normalmente designa uma entidade é usada para designar uma outra entidade, por associação. Por exemplo, a expressão “política café com leite” é usada para indicar metonimicamente uma combinação de interesses políticos de São Paulo e Minas através de produtos típicos desses dois estados, sendo *café* associado a São Paulo e *leite*, a Minas. Dentre os exemplos clássicos de metonímia na literatura recente de cunho cognitivista, avultam referências à cidade de Washington ou à Casa Branca, que se associam ao governo americano, e exemplos em que clientes são denominados por suas necessidades de atendimento, como em *úlcera* para referência a um paciente num hospital e *sanduíche de presunto* para um freguês numa lanchonete.

De acordo com Langacker, a metonímia é tão generalizada nas línguas porque é basicamente um fenômeno de ponto de referência, isto é, a entidade representada pela expressão metonímica “serve como um ponto de referência, provendo acesso mental ao alvo desejado” (2000: 199). A metonímia se revela, pois, um instrumento fundamental para a eficiência

do léxico enquanto sistema de armazenagem de símbolos: já que se pode acessar uma entidade conceptual por meio de outra, é possível neutralizar o problema do acesso lexical em construções lexicais, seja pela não listagem do elemento associado, já que automaticamente inferido, seja pela facilidade de acesso, através de rotas de associação.

Existe uma face óbvia da metonímia em unidades lexicais, que já aparece na concepção de signo de Saussure: na visão de Gunter Radden, a metonímia básica já está na própria constituição do signo, definido pela associação significante/significado (DIRVEN, 2003: xx) Ou seja, a estrutura do signo é em si metonímica, pois o signo se constitui pela associação significante/significado. Neste trabalho, entretanto, será focalizado um outro nível, para além da associação de conceitos constituinte da estrutura sígnica, no qual um signo é usado com a finalidade de evocar outro, relacionado por associação. Ainda, o essencial não é discutir o conceito de metonímia, mas, sim, do ponto de vista da metonímia conceptual, mostrar como o processo metonímico interage em conexão com os padrões morfológicos, tomando como ilustração a formação de verbos denominais. Passo, então, a uma breve descrição dos padrões de formação de verbos denominais em Português.

Há vários padrões para a formação de verbos denominais no Português Brasileiro. Neste trabalho, pretendo abordar apenas o padrão mais produtivo, já que o interesse não é descritivo, mas teórico: o objetivo maior é analisar um processo de formação de palavras e mostrar o papel da metonímia no processo.

No processo mais produtivo de formação de verbos denominais, o sufixo derivacional *-a(r)* se adiciona a um substantivo para formar um verbo.² O produto do processo é uma estrutura morfológica como a de (1),

(1) [[X]s -a(r)]v.

em que X é um substantivo e *-a(r)* é um sufixo que forma verbos a partir de substantivos. Semanticamente, o verbo denota um ato ou evento evocado pelo substantivo. Em outras palavras, o substantivo base é um ponto fundamental de referência para o evento designado pelo verbo.

Por exemplo, *aguar*, de *água*, é um ato crucialmente evocado pela substância “água”: o substantivo que denota a substância é usado como base para a construção do signo verbal que denota o ato. Há, portanto, um significado que decorre da construção morfológica: “ato crucialmente associado à base da construção”. No caso, sendo a base um substantivo que denota um líquido, o ato evocado é algo como “*verter*” ou “*pôr*”. Assim, *aguar* corresponde a noções como “pôr água” ou “verter água”. A associação da substância com o ato é feita por um padrão metonímico do tipo *Substância por Ato*: o conceito “água”, que constitui o signo que serve de base à construção, dá acesso ao conceito de “verter, pôr, etc.”, que são atos correspondentes à substância “água”. O significado lexical de *aguar*, portanto, deriva da conexão entre um padrão morfológico e um padrão metonímico.

Naturalmente, uma parte do significado do verbo deriva do conhecimento do mundo. No caso de *aguar*, existem diferentes especificações enciclopédicas. Por exemplo, *aguar* plantas não é o mesmo que *aguar* uma sopa, embora em ambos os casos o ato de verter água esteja envolvido. Entre outras coisas, usam-se conchas ou regadores, conforme o caso; os gestos são diferentes; etc. Por outro lado, conexões metafóricas podem levar a outras interpretações, como o sentido de “diluir”. Outros exemplos deste tipo de formação seriam os verbos *perfumar*, *cimentar*, *asfaltar*, *colar*, *apimentar*, *salgar*, *envenenar*.

A observação desses outros casos talvez ajude a ressaltar a diferença entre o significado lingüístico em sua interação nos padrões morfológicos e metonímicos, e o significado enciclopédico. Em *apimentar*, por exemplo, o aspecto fundamental do significado reside no potencial da substância como tempero; assim, o ato evocado corresponde a algo como “colocar” ou “adicionar” pimenta, independente da forma em que esta venha, como se pode observar em (2):

- (2) Maria apimentou a sopa com um caril especial.

Adicionalmente, o uso metafórico do verbo, ilustrado em (3),

- (3) Para apimentar um pouco mais a conversa, João contou uma piada forte.

se torna cada vez mais freqüente hoje em dia. Nesses exemplos, fica claro que o termo “substância” tem um sentido bem genérico e pode assumir diferentes especificações a cada caso.

Passo agora ao caso de *martelar*, um ato evocado por *martelo*: o substantivo que denota a ferramenta constitui a base da formação verbal correspondente ao uso deste instrumento. Novamente, o verbo denota um ato determinado pelo substantivo que serve de base à construção morfológica: em *martelar*, a base *martelo* é associada ao uso do instrumento, de modo que a construção verbal designa o ato correspondente na construção denominal. Trata-se, portanto, de um padrão metonímico como *Instrumento por Uso* em conexão com verbos denominais de instrumento.

Do ponto de vista do conhecimento enciclopédico, *martelar* evoca a sequência de atos específicos efetuados quando se usa um martelo. Neste ponto, é interessante observar que a interpretação pode permanecer em termos de instrumento mesmo na ausência do objeto específico; é perfeitamente possível martelar algo com uma chave inglesa, por exemplo. O verbo ainda permite outras metonímias, como a de Efeito por Causa, como em “martelar os ouvidos de alguém”; e assim por diante. Outros exemplos do mesmo padrão seriam *patinar*, *telefonar*, *carimbar*, *afivelar*, *pincelar*, *grampear*, *pedalar*.

Em contraste com *martelar*, em *telefonar* a evocação se concentra na comunicação telefônica, e não nos atos específicos necessários a esta comunicação. Por exemplo, existem verbos específicos (*ligar*, *atender*, *discar*, *digitar*) para denotar atos prévios necessários à ativação do aparelho ou atos posteriores à comunicação, que o desativam (*desligar*). Assim, o significado lingüístico de *telefonar* corresponde à efetivação de comunicação por utilização do telefone; os atos intermediários derivam

do conhecimento enciclopédico de como proceder para efetivar uma chamada ou atendê-la. É de se observar, portanto, que, nestas formações, embora o padrão geral seja o mesmo, a ativação de determinados aspectos varia de construção para construção. Ou seja, usando a nomenclatura de Langacker (2000: 62), existem diferentes “zonas de atividade” atuando na formação de verbos denominais.

Um terceiro caso de padrão metonímico é o de *Agente por Ato*, como em *assessorar*. Neste exemplo, a construção morfológica tem como interpretação algo como “fazer as vezes de assessor” ou “agir como assessor”. Mais especificamente, a base é um nome de agente, de tal modo que a construção morfológica corresponde ao significado do ato que caracteriza o nome de agente como tal. Outros exemplos seriam *medicar*, *monitorar*, *mendigar*.

O potencial deste padrão em inglês é demonstrado num célebre exemplo apresentado por Clark & Clark (1979):

(4) My sister Houdini'd her way out of the closet.

Em (4), um nome próprio é usado como base de um verbo denominal, cuja interpretação deriva da associação do nome próprio com as características de agente do nomeado. No caso, Houdini é conhecido como um mágico que conseguia escapar de todo e qualquer lugar. Assim o verbo ocasional *to Houdini* obedece ao mesmo padrão geral de interpretação de *assessorar*, algo como “agir como Houdini”, de acordo com o mesmo padrão metonímico. A diferença fundamental, neste caso, é que não se trata de um agente genérico, mas um nome próprio simbolizando um tipo peculiar de agente. Trata-se, portanto, de uma metonímia dupla, já que o nome próprio *Houdini* se associa não à pessoa, mas ao agente.

Um segundo caso que mostra a conexão entre padrões morfológicos, padrões metonímicos e conhecimento enciclopédico no inglês é o caso do verbo denominal *to mother*, a partir do substantivo *mother*. O verbo é crucialmente derivado do substantivo: o substantivo que representa o

papel social “mãe” é usado para rotular uma atitude ou conjunto de atos de alguém como prototípicos de atitude maternal. Este caso também apresenta mais de uma metonímia, pois atos e atitudes são associados ao papel social, que, assim, se distingue do fato biológico; e o foco está no que se atribui à mãe tradicional, em oposição às diferentes situações concretas de mães no mundo real.

Este padrão, entretanto, é mais comum no Inglês do que no Português, pois em nossa língua os verbos formados a partir de nomes próprios não são freqüentes. Na realidade, o padrão de formação de verbos denominais a partir de nomes de agente em português é minoritário, o que não constitui propriamente uma surpresa, já que a estrutura lexical do Português estimula a direcionalidade oposta, isto é, a formação de nomes de agente a partir de verbos.³

Um padrão metonímico bem mais freqüente é o de *Recipiente por Ato*, que ocorre em verbos como *engavetar*, *encaixotar*, *empacotar*, *armazenar*, *estocar*, *enjaular*, *envelopar*, *embolsar*, etc.. Em *encaixotar*, por exemplo, a construção morfológica veicula o significado de ato motivado pela base substantiva da construção. Como o substantivo neste caso denota um recipiente, o significado do verbo será o ato de colocar algo no recipiente. No Português Brasileiro, é comum o reforço morfo-semântico do prefixo *en-* neste tipo de construção, razão pela qual são relativamente raros os verbos denominais sufixais não parassintéticos neste grupo.

Naturalmente, o ato específico varia dependendo do recipiente; a construção focaliza apenas o ato geral, mas o conhecimento enciclopédico determina e, portanto, evoca possibilidades em termos de gestos concretos. Adicionalmente, o recipiente pode ser abstrato, como em *estocar*; ou metafórico, como em *embolsar*, dentre outras possibilidades.

Fica claro, portanto, que a interpretação de construções de verbos denominais é baseada na interação entre o conhecimento lingüístico de padrões morfológicos de formação de verbos (a estrutura morfológica $[X]s \rightarrow [[X]s -a(r)]v$) e padrões metonímicos como *Substância por Ato*, *Instrumento por Ato*, *Agente por Ato*, e assim por diante. A esta interação

se soma o conhecimento enciclopédico, que permite a interpretação imediata de frases como as abaixo:

- (5) Meu braço ficou doendo de tantos documentos que tive que carimbar.
- (6) Tentei patinar mas me esborrachei no chão.

Em (5) e (6), a referência à dor no braço ou à queda depende do conhecimento enciclopédico de cada ato concreto.

Mais especificamente, no nível morfológico, forma-se um verbo a partir de um substantivo através de uma operação morfológica que transforma o substantivo num tema verbal. No nível semântico, a construção lexical corresponde ao verbo cujo significado genérico é evocado pelo substantivo por associação. A conexão entre o ato denotado e o verbo denominal é feita por um padrão metonímico.

No primeiro exemplo deste trabalho, observa-se o significado geral “substância líquida” no tema verbal denominal *agua-(r)* e, morfológicamente, identifica-se um verbo, o que leva ao conceito de Ato; é possível então acessar o conceito “pôr água em”, por meio da metonímia *Substância por Ato*. Do mesmo modo, reconhecer o significado geral de instrumento, evocado por *martelo* no tema verbal *martela(r)*, permite conectar o conceito do ato de usar o instrumento ao verbo denominal por meio da metonímia *Instrumento por Ato*. E o mesmo ocorre nos demais casos; a denotação do substantivo que passa a ser o tema verbal nos faz inferir por metonímia o ato correspondente; ou, mais exatamente, reconhecê-lo ou localizá-lo: o conceito do substantivo dá acesso ao conceito do ato correspondente, o qual, por sua vez, se conecta com sua contraparte enciclopédica.

Em suma, verbos denominais são interpretados automaticamente pela interação entre padrões morfológicos de formação de palavras e padrões metonímicos, e conectados ao conhecimento enciclopédico dos atos correspondentes.

Esta é uma análise preliminar, no sentido de que ainda há um levantamento sistemático de construções a ser feito, mas já apresenta evidência significativa de suporte à hipótese da fundamental relevância do papel da metonímia conceitual nos processos de formação de verbos denominais.⁴

Para finalizar, retomo uma colocação feita em referência à relevância dos padrões metonímicos para a eficiência do léxico como sistema de armazenamento de formas simbólicas, a afirmação de que padrões metonímicos são cruciais para a expansão lexical por causa do requisito de acesso lexical imediato. Esta afirmação se relaciona às estruturas lexicais e ao papel da regularidade na aquisição e manutenção do léxico.

A regularidade lexical e os processos de formação de palavras são instrumentos cruciais na aquisição e manutenção do léxico, apesar de ser freqüente a alegação de que atribuir este papel a estruturas lexicais não faz sentido, dada a quantidade de neurônios no cérebro humano.

No entanto, é fácil observar que, apesar dos bilhões de neurônios do nosso cérebro, raras são as pessoas que conseguem reter na memória pouco mais do que uma dezena de números de telefone e senhas, por exemplo. Este simples fato, que tanto atrapalha a vida diária, mostra que seria impossível reter na memória as milhares de palavras que constituem o vocabulário normal de um falante culto se não houvesse a atuação de outros fatores da estruturação lexical.

A facilidade de retenção de formas derivadas na memória pode ser facilmente explicada através da interação de padrões morfológicos com padrões metonímicos. Dada a necessidade de referência a um tipo de ato, podemos eventualmente formar um verbo denominar para designá-lo. Com o uso dos padrões morfológicos disponíveis, é possível formar algo como, por exemplo, *enxampuar* (o cabelo). Pelo padrão morfológico, identifica-se, então, um verbo construído com o substantivo *xampu*; assim, a conexão da estrutura verbal, que dá o significado de ato, com o significado da base (substância) fornece automaticamente o significado de “botar xampu em”, através do padrão metonímico *Substância por Ato*.

O conhecimento enciclopédico, prévio à formação, faz a conexão do significado geral com o ato específico e sua função no ato de lavar a cabeça, com os movimentos circulares das mãos, a presença de espuma, e assim por diante. Assim, a retenção da construção na memória é imediata. Como se pode constatar, portanto, a frequência, que é tão importante para a retenção dos itens lexicais arbitrários, tem sua relevância drasticamente reduzida nas formações motivadas, dada a conexão imediata fornecida pela interação entre padrões morfológicos, padrões metonímicos e conhecimento enciclopédico.

O exemplo de uma formação relativamente nova⁵ tem o objetivo duplo de demonstrar o potencial de utilização deste padrão morfológico em interação com padrões metonímicos numa construção não armazenada e memorizada, e de mostrar quão imediata é a retenção da relação forma/significado. Naturalmente, no caso de verbos já formados, não apenas há cadeias metafóricas e metonímicas outras, mas também seria possível alegar que as conexões metonímicas são apenas aquelas que correspondem a um significado já lexicalizado, ou já incorporado integralmente como signo. Isto certamente acontece.

Mas o fato de que isto acontece não interfere na disponibilidade de uso do mecanismo que venho analisando neste trabalho. Na memorização de signos, é possível não utilizar essas formações, que, no entanto, continuam sendo da maior relevância na aquisição e manutenção do léxico.

Notas

- 1 Este trabalho corresponde à terceira parte do projeto de pesquisa A Metonímia na Constituição do Léxico, apoiado pelo CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa, período 2004-2007, processo 305189/2003-4).
- 2 Para uma discussão sobre a controvérsia existente em relação a este tipo de formação, remeto o leitor a Basílio (1992) e Basílio e Martins (1996).
- 3 Mas o padrão é produtivo, o que novamente leva à questão da polissemia do termo “produtividade” e à questão da relevância relativa da produtividade de um padrão morfológico como possibilidade em oposição ao teor de produção.

- 4 V. Panther e Thornburg (2002) e Basilio (2006), para evidências de metonímia na formação de nomes de agente.
- 5 Esta formação, embora nova, já está registrada em Houaiss (2001)

Referências

BASILIO, M. Verbos em –a(r) em português: afixação ou conversão? *DELTA*, v. 9, n. 2, p. 295-304. EDUC, SP, 1993.

_____. Metaphor and Metonymy in Word Formation. *DELTA*, v. 22, Edição Especial, p. 67-80. EDUC, SP, 2006.

BASILIO, M.; MARTINS, H. Verbos denominais no português falado. In: KOCH, I. (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1996.

CLARK, E.; CLARK, H. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, n. 4, p.767-811, 1979.

DIRVEN, R. In search of conceptual structure - five milestones in the work of Günter Radden. In: CUICKENS, H. et al (Ed.) *Motivation in language*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. London: Lawrence Erlbaum, 2006.

HARLEY, H.; NOYER, R. Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: evidence from nominalizations. In: PEETERS, B. (Ed.) *The lexicon-encyclopedia interface*. Amsterdam: Elsevier, 2000

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; MELLO FRANCO, F. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

LANGACKER, R. *Grammar and conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

PANTHER, K. U.; THORNBURG, L. The roles of metaphor and metonymy in English *-er* nominals. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Ed.), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002.

PEETERS, Bert (Ed.) *The lexicon-encyclopedia interface*. Amsterdam: Elsevier, 2000.

RADDEN, Gunter; KOVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Ed.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

